

NOTAS E REFLEXÕES

MIKHAIL GORBATCHOV, O FATOR HUMANO E A IMPLOÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA

DANIELA PEREIRA NUNES

daniela_pn12@hotmail.com

Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa (Portugal) e licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais. As principais áreas de interesse são a Guerra Fria, a história da União Soviética e a liderança política.

Introdução

A contribuição singular de Mikhail Gorbatchov para o saldo final da Guerra Fria e para o processo que culminou simultaneamente na implosão da União Soviética e no fracasso do comunismo soviético motivou e continua a motivar os estudiosos a pensar acerca do impacto que um homem pode ter no decurso de determinados processos políticos. No caso da União Soviética e do seu processo disruptivo, parece ser evidente a influência decisiva do líder político, Gorbatchov, no desfecho trágico da tentativa de reforma económica, social e política. É claro que um conjunto de outros fatores, designadamente de domínio estrutural, influenciaram os acontecimentos de 1985-1991, tanto dentro como fora da União Soviética. Porém, esta reflexão centrar-se-á no papel de Gorbatchov, nas suas escolhas e nos limites que lhe foram impostos pela própria natureza do regime que ele tentara reformar a partir de 1985.

Assinala-se em 2021 o trigésimo aniversário da extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Volvidas três décadas sobre a implosão deste império septuagenário, Mikhail Gorbatchov continua a espelhar o debate dual que logo após o ano de 1991 dividiu os historiadores e analistas no que respeita ao impacto que o último líder soviético teve neste processo disruptivo. Este debate opõe essencialmente duas posições, que encontram expressão na terminologia de William Taubman: “[Gorbatchov] é um herói trágico” (Taubman, 2018: 693) que, para libertar os soviéticos e os Leste-europeus do medo, deixou fracassar um país e uma ideologia. Todavia, e apesar desta dicotomia, parece haver entre os estudiosos algum consenso acerca da importância e do protagonismo desempenhado por Gorbatchov para que a Guerra Fria terminasse quando



e como terminou. Comparativamente com qualquer outro líder soviético, ele foi o primeiro e único grande interessado em incentivar o fim deste conflito, quer tal se interprete como um grande feito, quer como um sinal da sua fraqueza.

A contribuição singular de Gorbatchov para o saldo final da Guerra Fria é especialmente apreciada no Mundo Ocidental, que consegue ver nele um visionário, alguém que procurou transformar um país e sistema enormes, mas demasiados pequenos para a sua mundivisão e mentalidade inovadora. Na sua terra natal, porém, Gorbatchov é antes visto como um utopista presumido, atraído pelo seu próprio excesso de confiança, e responsável pelo extermínio de um povo e de uma nação com setenta anos.

O Fator Humano como Elemento Explicativo

Antes de quaisquer outras considerações acerca do papel deste líder no processo que culminou simultaneamente na desagregação da União Soviética, na demonstração do fracasso de uma ideologia e no fim da Guerra Fria, é preciso sublinhar a pertinência associada ao exercício de olhar para o fator humano como um dos elementos explicativos destes acontecimentos. As narrativas dos principais eventos históricos e das grandes transições políticas do mundo da modernidade parecem traduzir uma tendência para vincular a estes eventos explicações sobretudo inseridas no domínio dos fatores estruturais. Ao contrário dos fatores contingentes, os fatores estruturais estão normalmente na base de interpretações mais abrangentes, de nível sistémico, por oposição a interpretações muito focadas num determinado elemento explicativo, como é o caso de um líder político.

No caso da União Soviética e do seu processo de implosão, os principais elementos explicativos de ordem estrutural prendem-se, por um lado, com os constrangimentos inerentes à Guerra Fria e, por outro, com as características do próprio regime soviético. O equilíbrio de poder bipolar da segunda metade da década de 1980, como um destes grandes elementos estruturais, foi responsável pelo estrangulamento gradual das capacidades soviéticas, principalmente as económicas. Na medição de forças com a superpotência rival, o esvaziamento destas capacidades acabaria por conduzir o sistema soviético a deixar de conseguir responder à competição militar, tecnológica e espacial. Ao mesmo tempo, a rigidez e o centralismo típicos deste regime totalitário, assim como a sua condição de Estado multinacional e a sua ineficiência crónica, também contribuíram em larga medida para o desfecho trágico que se seguiu à implementação de um plano para reformar o país.

Alternativamente, e embora não possamos reduzir a problemática do colapso de um qualquer regime ou sistema político a uma análise unidimensional, esta reflexão concentrar-se-á num fator explicativo contingente muito concreto: Mikhail Gorbatchov, seus erros e triunfos, nos sete anos da sua liderança (1985-1991). A história da Rússia fornece exemplos particularmente ilustrativos, que ajudam a compreender a importância do fator humano no desenrolar de determinados processos políticos. O sociólogo Andrus Park recorda que

uma das tarefas [desta história] parece ser a de lembrar a humanidade uma e outra vez o quão importantes os indivíduos são na História. Ivan o Terrível, Pedro o Grande, Vladimir Lenine, Joseph Estaline, e muitos outros provaram



de maneiras diferentes que as ações dos líderes políticos podem influenciar significativamente o curso dos acontecimentos. (Park, 1992: 47)

O objetivo desta reflexão não é, contudo, o de comparar o legado de Gorbatchov com o dos indivíduos elencados por Park. Também não se pretende demonstrar que todos os processos políticos são igualmente influenciados pelos líderes que os protagonizam. Antes, trata-se de demonstrar como um líder pode ter um impacto crucial num determinado processo político e, em particular, como Gorbatchov foi tão importante, mesmo decisivo, no processo histórico-político que reflete simultaneamente a sua coragem e estratégica invulgares, para uns, e o esgotamento de todas as suas forças, para outros.

O primeiro sinal de que este líder viria a significar alguma mudança para o seu país – embora fosse impossível prever que tipo de mudança – foi a sua nomeação, a 11 de março de 1985, para o cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Em vez da continuidade do poderio das figuras da ala geriátrica do partido, esta nomeação traduziu o reconhecimento da necessidade de eleger uma mente jovem, aberta e enérgica. Ainda assim, este não foi o mais importante dos sinais da mudança que Gorbatchov viria a implementar na União Soviética (e no mundo): o mais importante foi o modo como ele tentou implementar essa mudança, os caminhos que escolheu trilhar, e os que não escolheu, para viabilizar essa mudança. Ao contrário dos seus antecessores, não procurou transformar o sistema soviético de um dia para o outro, assim como também não procurou dar continuidade à velha prática da uniformização total da sociedade soviética em busca de um “povo soviético único” – *Sovetskii Narod* (Smith, 1992: 9-10).

Tanto ou mais do que pelas suas ideias, Gorbatchov distinguiu-se pela forma como procurou implementá-las, pela maneira, algo estranha para um líder soviético, como provou colocar-se sempre no lugar do outro. Estas ideias, aliadas ao modo como se concretizaram, fazem de Gorbatchov o tipo de líder que Robert Tucker tão fielmente sumarizou:

(...) alguém que procura tornar a ordem vigente bem-sucedida ao introduzir-lhe mudanças e que reconhece que essas mudanças devem ser graduais, uma vez que implicam o afastamento de formas de pensar e agir culturalmente padronizadas ao longo de décadas. (Tucker, 1995: 159-160)

As grandes transformações possibilitadas por este líder tornaram-se históricas não apenas porque reorientaram o rumo da História no final do século XX, mas principalmente pela forma pacífica e gradual como foram feitas. Nem todos os líderes são responsáveis por este tipo de transformações; alguns não são responsáveis por quaisquer transformações. Todos os líderes têm, por isso, o que Joseph Nye classificou como “diferentes graus de impacto na História” (Nye, 2008: 8). Quando se trabalha sob a cúpula de um regime totalitário, como o soviético, o peso que uma determinada liderança política pode ter é ainda mais potencializado. Como observou o especialista britânico Archie Brown, “o estímulo para que um líder seja o grande decisor é ainda maior, e as suas consequências ainda mais perigosas, dentro de regimes autoritários e totalitários” (Brown, 2014: 22).



Nestes regimes, é habitual assistir à ascensão de líderes que canalizam o seu poder e posição supremos no sentido da imposição da sua vontade e do culto da sua personalidade. Pelo contrário, Gorbatchov, enquanto um destes grandes decisores, escolheu canalizar o seu poder não para a implosão do seu próprio país, obviamente, mas para o final da Guerra Fria; não para o sacrífico do Pacto de Varsóvia, mas para a autonomização das sociedades Leste-europeias; não para o enfraquecimento da posição soviética no jogo da política internacional, mas para a negociação por um mundo desnuclearizado. A principal consequência do seu projeto reformista talvez não tenha sido o desaparecimento da União Soviética, mas o desaparecimento do medo, que ele conseguiu substituir pacificamente por um conjunto de oportunidades, outrora pertencentes a uma esfera de coisas impossíveis, quer para os soviéticos, quer para os Leste-europeus.

Das Reformas ao Colapso

Quando chega ao poder, Gorbatchov é um reformador, mas um reformador dentro dos limites do próprio sistema. Por isso mesmo, não se pode confundir a sua intenção de reformar o comunismo soviético com um plano para o substituir. Pelo mesmo motivo, também não se deve romantizar excessivamente o projeto deste líder, cujo principal desígnio era o de recuperar a pureza da natureza marxista-leninista do sistema soviético. Apesar da sua admiração inequívoca por certos valores Ocidentais, como a liberdade e a democracia (embora os devamos observar dentro do entendimento próprio de quem foi educado nas estruturas soviéticas), Gorbatchov é um homem que cresce dentro do comunismo e é pela sua devoção ao comunismo que sobe ao poder. Não é, portanto, possível afirmar que o seu projeto de reformas refletiu uma tentativa de substituir o sistema vigente na URSS. Antes, este projeto refletiu uma tentativa de regresso ao Leninismo, o que é particularmente manifesto do ponto de vista económico – a *Perestroika* mais não era do que uma proposta semelhante à Nova Política Económica de Lenine nos anos 1920, que tinha como finalidade incentivar, acelerar e modernizar (ligeiramente) a economia soviética.

Com Gorbatchov, somou-se à tentativa de reforma económica a ambição de introduzir na sociedade soviética – altamente embebida na lógica da corrupção, do clientelismo e da apatia – o espírito de abertura e transparência de que a *Glasnost* é símbolo. É a partir desta e de outras ambições muito características da liderança de Gorbatchov que se torna claro que a vontade deste líder era simplesmente tornar a União Soviética um “país normal,” (Gaspar, 2016: 98) usando a expressão de Carlos Gaspar. É justamente por conta destas ambições, aliadas à crença desmedida na reformabilidade do sistema soviético, que o colapso da URSS, em parte, também é devido a Gorbatchov.

A geração de políticos de onde Gorbatchov surge remonta aos anos de Krushchev e a um primeiro momento em que se instituíra na União Soviética aquilo a que se pode chamar um paradigma pós-estalinista. O discurso secreto de Krushchev no XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956, alertou pela primeira vez uma geração de jovens – “os filhos do XX Congresso,” (Brown, 1996: 39-40) como ficou conhecida esta geração – para o regime de terror que havia sido o Estalinismo. Gorbatchov é um dos filhos desta geração, um símbolo incontornável do impacto que as revelações de Krushchev tiveram



no processo de questionamento e introspecção que um grupo de intelectuais viria a protagonizar a partir da segunda metade da década de 1950.

É este processo de questionamento, associado ao sentimento de um propósito comunista renovado pelas revelações de Khrushchev, que está na base da fé reformista de Gorbatchov e outros da sua geração. Mas esta crença na possibilidade de reformar o regime soviético melhorando apenas o sistema vigente coloca e colocou desde sempre os especialistas diante de uma situação algo paradoxal: o projeto de reformas de Gorbatchov traduz uma tentativa louvável de transformar um sistema fechado e decadente, mas a sua reação face às consequências imprevistas deste projeto fizeram dele o responsável pelo desaparecimento de um país e de uma zona de influência considerada desde a Segunda Guerra Mundial como o “quintal político soviético” (Brown, 2020: 276-277) – a Europa de Leste. A controvérsia ligada ao nome deste líder reside exatamente neste paradoxo: para revigorar o comunismo soviético, Gorbatchov perdera-lhe as rédeas, permitindo que, dentro e fora da União Soviética, cada um escolhesse o seu caminho, mesmo que isso implicasse o fracasso de todas as suas ambições e da crença ingénua de que seria possível reformar um sistema irreformável.

Quer no processo de fragmentação, e finalmente extinção da URSS, quer no processo de dessatелização da Europa de Leste, Gorbatchov escolheu ser um observador, em vez de um ditador. A melhor forma de o reconhecer como tal é comparando-o com os seus antecessores – preferencialmente imaginando o que teriam feito estes últimos em seu lugar. Como Estaline, Brezhnev ou todos os outros, Gorbatchov dispunha de armas e poder para travar estes processos: podia ter mandado prender os primeiros a criticar publicamente a *Perestroika*; podia ter dado ordens para matar todos os que tentassem atravessar o muro de Berlim; podia ter impedido a ascensão de Boris Ieltsin; podia ter feito uso da força para acabar com as primeiras manifestações nacionalistas nas Repúblicas Bálticas. As decisões mais marcantes deste líder foram, tal como observou Anne Applebaum, aquelas que ele não tomou (Applebaum, 2011). O reconhecimento que lhe é devido justifica-se principalmente por estas decisões nunca tomadas e pelo modo como um produto autêntico do regime soviético escolheu distanciar-se do modelo de um típico líder soviético.

Dentro da União Soviética, e estranhamente, Gorbatchov parece nunca ter sido verdadeiramente reconhecido pelas possibilidades inéditas que ofereceu aos soviéticos, permitindo-lhes combater a sua apatia natural e enraizada desde o Czarismo. Na história das lideranças soviéticas, Gorbatchov foi o único que tentou dar aos soviéticos tudo aquilo que todos os seus antecessores lhes tentaram tirar: escolhas. Mesmo que as consequências destas escolhas tenham atraído os verdadeiros objetivos deste líder, ele deve ser reconhecido pelo facto de ter optado por se distanciar do modelo tenebroso de um típico líder soviético. E este distanciamento não se manifestou apenas do ponto de vista político. Também se manifestou de maneiras invulgares no contexto da cúpula totalitária soviética: que outro líder soviético se mostrou tão preocupado com questões ecológicas e ambientais como Gorbatchov se mostrou? Que outro líder soviético escolheria observar, em vez de impedir violentamente, a libertação dos povos Leste-europeus como Gorbatchov escolheu? Que outro líder soviético se faria acompanhar publicamente da sua mulher como Gorbatchov o fez, com Raíssa? Em parte, são estes momentos de distanciamento e singularidade que demonstram que tudo teria sido diferente na União Soviética e no mundo da segunda metade da década de 1980 se não



fosse Gorbatchov a chegar ao poder em 1985. A sua nomeação acelerou um processo de implosão e libertação que, certamente, viria a acontecer anos mais tarde. Porém, se não fosse Gorbatchov e o aceleração por ele provocado, é possível que este processo não tivesse sido tão pacífico, e isso só a ele se deve.

Mais do que transformar o sistema soviético, Gorbatchov procurou transformar o sistema que herdou de um conjunto de líderes muito preocupados com a manutenção do seu poder e com o culto da sua personalidade. Dentro das suas convicções marxistas, as prioridades deste líder eram bastante distintas das destes seus antecessores: em vez de uma esfera de influência, procurou construir uma ordem global baseada na cooperação; em vez da uniformização, procurou dar a cada um a sua própria voz; em vez da força, procurou usar as palavras. Em última análise, e paradoxalmente, pode dizer-se que os planos reformistas de Gorbatchov resultaram não no aprofundamento da legitimidade e do poder do seu país, mas antes na sua erosão, o que culminou finalmente no seu desaparecimento definitivo. Conforme frisado no princípio desta reflexão, várias forças externas contribuíram ativamente para este desfecho – desde logo, a perda sucessiva de meios para manter o nível da competição com a superpotência rival. Mas foram as forças internas que tornaram possível uma implosão tão rápida: Gorbatchov criou mais inimigos dentro do seu país do que fora dele, subestimando desde sempre o ódio destes inimigos, alguns deles figuras que lhe eram bastante próximas.

É claro que Gorbatchov é o principal responsável pelos seus erros, pelas decisões que tomou e pelas que não tomou. Mas é preciso ver no seu percurso político uma tentativa corajosa de assumir e tentar corrigir as falhas de um sistema incorrigível. Do mesmo modo, é preciso compreender, como notou o especialista russo Vladislav Zubok, que "(...) ninguém sabe como transformar um regime totalitário, e por isso só é possível fazê-lo por tentativa e erro" (Zubok, 2007: 313-314). Só depois de uma primeira tentativa de reforma – a *Perestroika* – foi possível perceber que, para além de uma transformação do seu modelo económico, a União Soviética precisava ser transformada cultural e socialmente. A passagem do projeto reformista de Gorbatchov para uma transformação de nível sistémico resulta não das incapacidades do líder, mas das deficiências crónicas do próprio regime. O que isto significa é que o plano para reformar este regime só se radicalizou na medida em que o próprio regime foi demonstrando a sua incapacidade crónica de adaptação a um conjunto de ideias inovadoras.

Só quem tenha a capacidade de ver em Gorbatchov a figura de um libertador, responsável pelo progresso em que nenhum outro líder soviético esteve interessado, compreende como o fator humano é fundamental para explicar o processo de implosão da URSS e os últimos sete anos da Guerra Fria. Quem, por outro lado, vir neste líder a figura de um traidor, tenderá a considerar que ele se limitou a ceder perante a pressão interna e externa. Para estes últimos analistas, é difícil ver nas escolhas e cedências de Gorbatchov algo de heroico. Mas é preciso sublinhar que, à semelhança de todos os seus antecessores, Gorbatchov teve em mãos todo o poder; ao contrário de todos eles, porém, escolheu limitá-lo. Nenhum elemento alheio à personalidade, educação e formação de um líder pode explicar isto – é aqui que reside a relevância do fator humano.



Referências consultadas

- Applebaum, Anne (2011). "The Long, Lame Afterlife of Mikhail Gorbachev." *Foreign Policy*. (Online). Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2011/06/20/the-long-lame-afterlife-of-mikhail-gorbachev/> (Consultado a 30 de janeiro de 2021).
- Brown, Archie (1996). *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford University Press.
- Brown, Archie (2014). *The Myth of the Strong Leader: Political Leadership in the Modern Age*. Nova Iorque: Basic Books.
- Brown, Archie (2020). *The Human Factor: Gorbachev, Reagan and Thatcher, and the End of the Cold War*. Oxford: Oxford University Press.
- Gaspar, Carlos (2016). *O Pós-Guerra Fria*. Lisboa: Tinta da China.
- Nye, Joseph S. (2008). *The Powers to Lead*. Oxford: Oxford University Press.
- Park, Andrus (1992). "Gorbachev and the Role of Personality in History." *Studies in Comparative Communism*. XXV (nº 1): 47-56.
- Smith, Graham (1992). "Nationalities Policy from Lenin to Gorbachev." In Graham Smith (ed), *The Nationalities Question in the Soviet Union*. Essex: Longman, 1-20.
- Taubman, William (2018). *Gorbachev: His Life and Times*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.
- Tucker, Robert C. (1995). *Politics as Leadership*. Missouri: University of Missouri Press.
- Zubok, Vladislav (2007). *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. North Carolina: The University of North Carolina Press.

Como citar esta nota

Nunes, Daniela Pereira (2021). Mikhail Gorbatchov, o Fator Humano e a Implosão da União Soviética. Notas e Reflexões. Janus.net, e-journal of international relations. Vol12, Nº. 1, Maio-Outubro 2021. Consultado [online] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.12.1.01>

